

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA FIGURA “HERÓICA” DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA*

Analysis of the historical construction of the “heroic” figure of father José de Anchieta

Flávio Massami Martins Ruckstädter**

Cézar de Alencar Arnaut de Toledo***

RESUMO

Análise do processo de construção histórica da figura heróica do padre José de Anchieta (1534-1597), missionário jesuíta que teve uma participação significativa no primeiro século da colonização do Brasil. Logo após sua morte, inúmeras biografias foram escritas por membros da Companhia de Jesus, sempre com o objetivo de enaltecer seus grandes feitos. Nesse sentido, ainda hoje se tem a imagem de Anchieta como um modelo de missionário, de santo, de educador; em uma palavra, de herói. O trabalho teve como base a análise das três primeiras biografias escritas em língua portuguesa, sobre Anchieta: *Breve relação da vida e morte do padre José de Anchieta* (Quirício Caxa, 1597), *Vida do padre José de Anchieta* (Pero Rodrigues, 1605-1609), e *Vida do venerável padre José de Anchieta* (Simão de Vasconcelos, 1672). É discutido também como os estudos biográficos podem ser entendidos como um recurso político-pedagógico, especialmente quando analisados dentro do contexto de sua produção.

Palavras-chave: José de Anchieta, biografia, herói, Companhia de Jesus, século XVI

ABSTRACT

Analysis of the process of historical construction of the heroic figure of the Father José de Anchieta (1534-1597), Jesuit missionary who had an expressive participation in the first century of Brazilian colonization. After his death, many biographies were written by members of the Society of Jesus, always with the objective to exalt his great acts. This way, Anchieta is still seen today as an example of missionary, saint and educator; in a word, a hero. The work have had as basis the analysis of the first three biographies written in Portuguese language, about Anchieta: *Breve relação da vida e morte do padre José de Anchieta* (Quirício Caxa, 1597), *Vida do padre José de Anchieta* (Pero Rodrigues, 1605-1609), e *Vida do venerável padre José de Anchieta* (Simão de Vasconcelos, 1672). It is also discussed how the biographical studies can be understood as a political-pedagogic claim, especially when analyzed inside the context of its production.

Keywords: José de Anchieta, biography, hero, Society of Jesus, 16th century

* Versão ampliada do trabalho apresentado no VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, em abril de 2006, em Uberlândia/MG

** Professor de Ensino de História no Curso de Pedagogia da Faculdade do Noroeste Paranaense. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Contatos: flavioruckstadter@hotmail.com

*** Professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Doutor em Educação pela UNICAMP. Contatos: caatoledo@uem.br

Considerações iniciais

O texto aqui apresentado faz parte de uma pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, entre os anos de 2004 e 2006. Trata-se de uma análise da construção histórica de uma figura “heróica” do padre José de Anchieta (1534-1597), a partir da leitura das três primeiras obras biográficas a seu respeito, escritas em língua portuguesa por padres da própria Companhia de Jesus. As obras foram escritas no primeiro século que se seguiu à morte de Anchieta; são elas: *Breve relação da vida e morte do padre José de Anchieta*, escrita por Quirício Caxa em 1597, *Vida do padre José de Anchieta*, de Pero Rodrigues, escrita entre os anos de 1605 e 1609, e a *Vida do venerável padre José de Anchieta*, redigida por Simão de Vasconcelos em 1672.

O objetivo do texto é analisar como se deu a elaboração de uma imagem grandiloqüente a respeito do missionário inaciano. Entende-se aqui, que tal elaboração não foi fruto dos escritos de uma única geração de autores, isto é, várias foram as obras que contribuíram na elaboração de uma imagem “heróica” de Anchieta. Apesar disso, as três primeiras biografias sobre o jesuíta em língua portuguesa cumpriram um importante papel: a partir dos escritos de Caxa, Rodrigues e Simão de Vasconcelos se iniciou um longo processo de exaltação da figura “heróica” de José de Anchieta. Tal processo culminaria quatro séculos mais tarde, na beatificação do padre, decretada pelo papa João Paulo II em 1982.

José de Anchieta é considerado por muitos uma figura destacada na história do Brasil, bem como na história da Companhia de Jesus. Ele foi responsável, juntamente com outros jesuítas, pela organização da primeira educação letrada e sistematizada nas terras da então colônia portuguesa. No século XVI, Anchieta participou de maneira ativa da colonização e da conquista espiritual das terras recém-descobertas. Escreveu Cartas, Poemas, peças de Teatro¹ e a Gramática da língua tupi.² Em função disso, é considerado também um dos fundadores da literatura brasileira. Atuou ainda como missionário e professor. Foi, após a sua morte, considerado apóstolo do Novo Mundo, e recebeu vários títulos de grandeza, como por exemplo: santo, missionário, educador, curador de almas e corpos, entre tantos outros.

Para se ter uma idéia da imagem que se faz do jesuíta, podemos citar alguns exemplos entre escritores clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis (1839-1908) e Olavo Bilac (1865-1918). Ambos apresentam em suas obras, referências ao padre, que é apresentado como uma pessoa destacada, acima da média. Olavo Bilac assim escreveu:

Anchieta

*Cavaleiro da mística aventura
Herói cristão! nas provocações atrozés
Sonhas, casando a tua voz às vozes
Dos ventos e dos rios na espessura [...]
(OLAVO BILAC, 1978, p. 272)*

O número de obras biográficas a respeito de Anchieta também não é pequeno; nos títulos

¹ Veja-se sobre o teatro anchietano o trabalho intitulado *José de Anchieta: Teatro e Educação no Brasil-Colônia*, de autoria de Vanessa Campos Mariano RUCKSTADTER (2005).

² A *Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* se constituiu em importante instrumento de dominação cultural dos índios no processo de colonização; o domínio da língua do outro se constituiu em meio de acesso à sua cultura. A obra foi publicada recentemente pela Editora Loyola e faz parte do conjunto das *Obras Completas* de José de Anchieta.

dessas obras já se pode perceber que o padre é descrito como alguém superior, destacado dos demais. Para citar apenas algumas: *Anchieta, apóstolo do novo mundo*, de José Freitas Nobre (1968); *São José de Anchieta*, de Gabriel Romeiro e Guilherme Cunha Pinto (1987), *Um carismático que fez história: vida do Pe. José de Anchieta*, de Armando Cardoso, S. J. (1997) e de Hélio Abranches Viotti, S. J., *Anchieta: o apóstolo do Brasil* (1980). Assim, com estes poucos exemplos, percebe-se a imagem romantizada e heroicizada que se faz de Anchieta. Nesse sentido, cabe a análise de como foi a elaboração de tal figura.

Para cumprir o propósito de análise da construção histórica da figura heróica de José de Anchieta é importante, primeiramente, uma discussão a respeito do texto biográfico. Assim, discute-se desde o surgimento do gênero com Plutarco na Antigüidade, alguns momentos em que as biografias exerceram um papel de destaque. Entende-se que os estudos do gênero podem cumprir uma dupla função: ao buscar ensinar aos leitores por meio do exemplo de uma vida-modelo, as biografias podem ser vistas com um caráter pedagógico, mas ao mesmo tempo, propagam também uma determinada visão de mundo. Além disso, ainda é preciso estabelecer uma categoria que permita a análise das três obras: o que é herói? Quais as qualidades enaltecidas pelos biógrafos que compõem a imagem heróica do padre.

Em um segundo momento, é imperiosa uma discussão sobre o contexto de produção das três biografias analisadas. As obras são consideradas documentos históricos que foram produzidos em um momento específico, entre fins do século XVI e XVII. Além disso, foram obras escritas por padres da Companhia de Jesus. Dessa maneira, deve-se atentar para as relações da empresa colonial portuguesa na América e os padres jesuítas.

Por fim, após delimitar como a análise será realizada e quais os interesses presentes no contexto de produção das biografias, parte-se para a análise propriamente dita. A partir da leitura dos textos, procura-se demonstrar a contribuição das três biografias na construção da imagem grandiosa do padre José de Anchieta.

A biografia: um recurso político-pedagógico

Nos últimos anos, o debate historiográfico tem chamado a atenção para um “retorno” dos estudos biográficos. Tal visão implica dizer que durante longo tempo, os historiadores de uma forma geral procuraram se afastar de estudos desta natureza; isso se explica quando verificamos que as obras biográficas estiveram ligadas à historiografia tradicional, dita positivista, que as utilizava como uma forma de engrandecer e exaltar figuras de grandes vultos, os chamados “heróis nacionais”, considerados os únicos agentes da história.

Alguns autores, entre eles Benito Bisso Schmidt (2000), afirmam que o chamado “retorno” aos estudos biográficos aparece ligado a um fator importante, bastante presente em nossa sociedade: o interesse por personagens de outros tempos pode revelar uma busca de identidade no próprio presente, marcado pela crise das utopias e pela massificação temporal. Walter Benjamin afirma que o historiador lida com fatos passados, mas que, no entanto, o faz partindo de seu próprio tempo, de sua própria época. Em outras palavras, o historiador busca nos estudos históricos, respostas para as questões que o seu momento lhe impõe:

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras” [...]

[...] nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente

determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” (1985, p. 229-232)

O debate a respeito do retorno às biografias se insere naquilo que se convencionou denominar de “renovação dos métodos da história”. Tal renovação teve início nas últimas décadas do século XX. A partir de então, muitos historiadores passaram a criticar a visão totalizante que aparentemente não havia dado conta das trajetórias individuais. Assim, o olhar se voltou para os “esquecidos da história”. O problema é que ao mesmo tempo em que se procurava destacar as trajetórias individuais, muitos estudos contribuíram para minimizações, isto é, esquecendo-se do contexto em que tais figuras viveram e estiveram inseridas.

Atualmente, os estudos biográficos cumprem uma função totalmente inversa àquela que cumpriram outrora, sob o ponto de vista da historiografia tradicional. Enquanto os positivistas buscavam, por meio das biografias, a construção de figuras heróicas, os estudos biográficos mais recentes, produzidos dentro de uma outra perspectiva da história, cumprem uma função anti-heróica, conforme afirma Peter Burke. O autor discute a questão ressaltando que vivemos uma época da história anti-heróica porque, apesar de tratarem ainda de grandes sujeitos, essas biografias dão ênfase maior às suas fraquezas e não às suas virtudes.

É importante antes de qualquer coisa, refletir a respeito de alguns momentos ao longo da história nos quais as obras biográficas desempenharam um papel de destaque. Seleccionamos quatro desses momentos: o surgimento do gênero com Plutarco na Antigüidade Clássica, os Evangelhos, a construção de heróis no positivismo e por fim, sob uma outra perspectiva, no marxismo.

O surgimento do gênero biográfico com um caráter eminentemente político aconteceu ainda na Antigüidade Clássica, com Plutarco. Este autor escreveu várias biografias, geralmente em pares, nas quais comparava a figura de um grande vulto romano a um grande vulto grego. Assim, Plutarco tinha o objetivo de construir imagens heroizadas.³

De certa maneira, os Evangelhos podem ser considerados como obras biográficas, uma vez que narram a vida de Jesus Cristo. Entretanto, ao contrário das biografias escritas por Plutarco, os quatro escritos considerados canônicos — o *Evangelho segundo Mateus*, o *Evangelho segundo Marcos*, o *Evangelho segundo Lucas* e o *Evangelho segundo João* — têm um caráter notadamente pedagógico. As obras, os grandes feitos de Jesus são narrados com o propósito de elaborar uma grande imagem e ao mesmo tempo, ensinar aos cristãos qual o modelo a ser seguido para que se encontre o caminho da salvação. Em outras palavras: uma vida-modelo que sirva de guia para os cristãos.⁴

Em outro momento, coroou-se uma prática iniciada na Antigüidade. O francês Augusto Comte (1798-1857) desenvolveu uma filosofia que ficou conhecida como positivismo. De acordo com seu pensamento, os grandes vultos, os grandes homens eram considerados os únicos agentes da história. Por isso mesmo, Comte chegou a desenvolver um calendário para essas grandes figuras, com datas comemorativas para alguns nomes, tais como: Jesus Cristo, Moisés, Alexandre, Galileu entre outros.⁵

³ Em suas *Vidas Comparadas (Bioi Paralelói)* Plutarco realizou comparações de figuras ilustres gregas e romanas. Exceto por quatro biografias independentes, o autor redigiu vinte e duas biografias duplas, nas quais enaltecia valores e qualidades de seus biografados. O alcance de suas obras parece ser notório: entre fins do século XVI e inícios do século XVII, William Shakespeare (1564-1616), um dos mais célebres escritores de língua inglesa, baseou-se nas leituras das biografias escritas por Plutarco para compor suas três peças romanas: *Júlio César* (1599), *Antônio e Cleópatra* (1606) e *Coriolano* (1608), conforme afirma Nunes (s/d), no prefácio ao texto *Antônio e Cleópatra*.

⁴ É importante lembrar que a Igreja Católica sempre utilizou o recurso de vidas de santos como modelos a serem seguidos. Tal recurso se constituiu num procedimento bastante eficaz. O caso da conversão de Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus, serve como exemplo: ela teria acontecido, segundo atestam seus biógrafos, após a leitura da obra *Flos Sanctorum*, que narra as vidas de vários santos da Igreja. A partir dessa leitura, Loyola teria tido uma inclinação para a imitação e, em consequência, para a conversão. Veja-se mais em GARCÍA-VILLOSLADA (1991).

⁵ Veja-se mais em COMTE (1978, p. 300-301).

Tal concepção de História foi amplamente divulgada e propagada. Durante os governos militares no Brasil, por exemplo, os livros didáticos divulgavam a imagem de grandes vultos, os “heróis nacionais”, como únicos agentes da História. Com isso, divulgavam também uma determinada visão de mundo.

Da mesma maneira que no positivismo, mas sob uma perspectiva um pouco diferente, o marxismo também se utilizou dos discursos romantizados e heroicizantes para propagar suas idéias, sua visão de mundo. Vale ressaltar que não se trata do pensamento desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), os chamados pais do materialismo histórico. Trata-se aqui de uma leitura que foi feita a partir desse pensamento numa vertente próxima à stalinista, realizada em parte por alguns intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX.⁶

Enquanto o positivismo enalteceu heróis provenientes da classe dominante, o marxismo fez o contrário, escolhendo figuras que eram provenientes das classes sociais expropriadas. A ênfase em um ou outro aspecto envolve sempre, conforme afirma Flávio René Kothe (2000, p. 10), o posicionamento político da obra. Assim, enquanto o positivismo lutava pela manutenção da ordem capitalista, o marxismo buscava o rompimento dessa mesma ordem, a partir da propagação de imagens romantizadas e heroicizadas; verdadeiros líderes revolucionários. De qualquer forma, em ambos os casos percebe-se uma clara orientação político-ideológica.

O que é herói

Uma condição imperiosa para a análise das obras biográficas a respeito de José de Anchieta é a definição do que é herói. Essa questão não é simples e fácil de ser resolvida. De acordo com Martin Cézár Feijó (1984), encontram-se imagens heróicas entre diferentes povos e diferentes culturas, com algumas características semelhantes. A questão do herói aparece, por exemplo, na literatura, no mito, nas histórias em quadrinhos, na Antropologia e na História. Assim, nota-se que entre todas essas figuras, misturam-se as criadas por nossa imaginação e aquelas que existiram na realidade. Contudo, até mesmo estas podem muitas vezes, resultar de um processo de construção histórica.

Flávio René Kothe (2000) discute a importância de ver na construção dos heróis a sociedade que o gerou, isto é, as contradições dessa sociedade. Claro está que uma obra literária não consegue captar a totalidade social, mas pode, em grande medida, fornecer indícios dessa totalidade:

Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras. Nenhuma obra literária consegue ser a totalidade, mas o percurso do herói pelo alto e pelo baixo, pode ser um índice de totalização, uma totalidade indiciada. As obras literárias maiores sugerem a totalidade, enquanto as obras triviais escapam dela e deixam que ela escape: não captam propriamente sequer a natureza do fragmento de realidade para o qual se voltam. (2000, p. 8)

O autor ainda afirma que a principal característica de todo personagem grandioso, heróico, é a união dos contrários em sua figura. Isso se explica porque a realidade em si é contraditória; assim, um grande personagem só pode ser considerado grande quando consegue se aproximar e

⁶ Apenas para exemplificar, pode-se citar a obra *O cavaleiro da esperança*, de Jorge Amado (1981), na qual o autor exalta a figura de Luís Carlos Prestes, considerando-o como o maior de todos os heróis.

fornecer mais indícios para a compreensão do real, ou seja, da contradição que marca a realidade:

Todo grande personagem é a união de contrários: ele é o alto cuja grandeza está na baixezça, ou é o alto que cai e readquire grandeza na queda, ou então é o baixo que se eleva e se mostra grandioso apesar dos pesares. Quanto maior a sua desgraça, tanto maior a sua grandeza [...] (2000, p. 13)⁷

Uma outra questão ainda deve ser respondida: como surgem os heróis, estas figuras destacadas em uma sociedade que unem contrários em suas figuras e que permitem por isso mesmo, uma leitura do real? De acordo com Martin Cézár Feijó (1984) os heróis nascem a partir do mito; todas as sociedades arcaicas têm em seu imaginário a presença de indivíduos destacados, acima da média dos homens. Esses são os heróis. Apesar disso, não interessa aqui o herói mitológico, mas sim o herói histórico, uma vez que José de Anchieta foi um homem que existiu na realidade.

O herói em sua dimensão histórica é uma figura palpável, que desempenha uma função político-ideológica, defendendo interesses. Feijó afirma que:

Com o surgimento da sociedade diferenciada em classes sociais; do Estado com suas instituições organizadas; da cultura escrita e documentada, o herói, ultrapassando o mito, atingiu uma nova dimensão: o herói histórico.

A classe social dominante exerce o seu poder pelo controle da economia, da política e até do imaginário, através da ideologia. Nesse processo o herói torna-se figura real, palpável da História [...] (FEIJÓ, 1984, p. 22).

Dessa maneira, o herói histórico é aquele a quem cabe a defesa de uma determinada visão de mundo. Nesse sentido, qualquer que seja a tipologia do herói, ele sempre participa de uma luta maior, conforme afirma Kothe:

[...] a rigor, a luta da qual todos os heróis participam é a luta de classes, ainda que em geral tudo seja feito, em termos de deslocamentos, deformações e escamoteamentos, para que este nível profundo não apareça enquanto tal. A luta de classes não é apenas o motor da História, mas o motor de qualquer história, em qualquer gênero, literário ou não-literário (2000, p. 45).

É a partir desse referencial que será analisada construção da figura romantizada e heroicizada a respeito de José de Anchieta. Ele é entendido aqui como o herói histórico, figura palpável que participa de uma luta entre diferentes interesses sociais e que cumpre com isso, um papel político-ideológico.

É preciso ainda responder outras questões: qual a formação ideológica que os discursos contidos nas obras biográficas sobre Anchieta, aqui selecionadas para análise propagam? Qual era a visão de mundo dos biógrafos? Quais os interesses que esses homens defendiam? Que tipo de homem pretendia se formar com esse discurso heroicizante? São algumas das questões para as quais se devem buscar respostas. José Luiz Fiorin afirma que:

⁷ Um bom exemplo que ajuda a compreender a questão da união dos contrários que marca os grandes personagens é Jesus Cristo. Ele reuniu o alto da divindade com o baixo da humanidade e teve seu apogeu, seu ponto mais elevado, exatamente no momento em que se encontrava mais degradado. Na Paixão, Jesus foi açoitado, traído, cuspidor, humilhado e pregado numa cruz; porém, foi especialmente nesse momento de degradação que se mostrou mais deus e mais redentor. E após toda a situação catastrófica, veio a Ressurreição, um verdadeiro *happy end* (Kothe, 2000, p. 33). A identificação dos cristãos com o seu personagem máximo, que é o próprio Cristo, pode ser entendida como um consolo contra a fraqueza humana; todos aqueles que sofrem anseiam por um final feliz, tão glorioso quanto o final de Jesus Cristo.

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo o processo de aprendizagem lingüística [...] o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer [...] (1995, p. 32).

Dessa maneira, o discurso contido nas biografias está impregnado de uma determinada visão de mundo, de uma ideologia. Tal visão é diretamente ligada à forma como os padres jesuítas pensaram suas próprias figuras nos séculos XVI e XVII. Assim, se o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação, cabe uma análise do contexto em que as três obras foram produzidas.

A empresa colonial portuguesa e a Companhia de Jesus

As biografias que são analisadas neste texto foram produzidas por padres jesuítas entre fins do século XVI e XVII. Tanto Quirício Caxa, quanto Pero Rodrigues e Simão de Vasconcelos escreveram suas obras em uma determinada época histórica e, por isso mesmo, para uma compreensão ampla de seus escritos, é importante um estudo sobre esse contexto histórico. Isso implica uma atenção maior à colonização da América portuguesa e às relações da Coroa com os padres da Companhia de Jesus.

Em primeiro lugar, deve-se considerar que a Ordem Religiosa de maior destaque na Modernidade foi a Companhia de Jesus. Fundada por Inácio de Loyola, ex-cavaleiro basco, e oficialmente aceita pelo papa Paulo III em 1540, a Ordem liderou a Contra-Reforma Católica, lutando contra os avanços protestantes, reformando o clero e atuando de maneira significativa nas missões entre os povos indígenas no Novo Mundo. O ideal jesuítico no momento de fundação da Ordem era representado pelo lema: *ad maiorem Dei gloriam*, para maior glória de Deus. Assim, todas as atividades desenvolvidas pelos padres da Companhia levavam essa marca.

Pode-se dizer que os jesuítas atuaram com sucesso em três frentes: nas missões, como confessores de reis e príncipes e como educadores. Por sinal, a educação se constituiu em principal atividade da Ordem, que fundou inúmeros colégios por toda a Europa e também nas missões, sempre com o mesmo objetivo: formar bons cristãos.⁸ Isso não se aplicava apenas aos membros da Ordem, mas também se estendia à comunidade.⁹

Os jesuítas foram responsáveis pela organização da primeira rede internacional de ensino. A importância desse fato para a cultura do catolicismo do início da Época Moderna é incalculável. John O'Malley afirma que:

⁸ O método de estudos na Companhia estava regulamentado pela famosa *Ratio Studiorum*. A primeira versão do documento data de 1599 e foi produzida, segundo César de Alencar ARNAUT DE TOLEDO (2000), envolvendo todos os membros da Ordem, numa forma que poderia ser chamada hoje de “centralismo democrático”. O documento não pretendia se tornar um método inovador, revolucionário, mas, ainda assim, constituiu-se em ponte entre o medieval e o moderno.

⁹ Entre os colégios mais importantes dos padres jesuítas, podemos citar o de La Flèche, fundado pelo rei Henrique IV da França em 1603. Nesse colégio especificamente, o aluno mais ilustre foi, sem dúvida, René Descartes, que nele estudou entre os anos de 1606 e 1614, em cujo pensamento se pode notar uma indelével marca jesuítica. Outros intelectuais foram formados em colégios da Ordem; entre eles, Montesquieu, Rousseau, Diderot e Antônio Vieira.

Os jesuítas foram a primeira ordem religiosa da Igreja Católica a se lançar na educação formal como um ministério maior. Tornaram-se uma 'ordem de ensino'. É difícil para nós compreendermos a coragem de decisão que isso representava. Sua importância para a cultura do início do catolicismo moderno foi incalculável. No período em que a Companhia foi supressa por um edito papal em 1773, estavam operando em mais do que 800 universidades, seminários e especialmente, colégios de segundo grau em quase todo o globo. O mundo nunca tinha visto antes e nem viu desde então tão imensa rede de instituições educacionais operando em base internacional [...] (2004, p. 36).

Ao mesmo tempo em que se constituiu em Ordem de ensino, os jesuítas também não abandonaram o trabalho missionário. Assim, vários companheiros foram enviados a lugares distantes para pregar a fé católica. Existiam alguns aspectos que os diferenciavam das demais Ordens Religiosas; por meio do quarto voto de obediência irrestrita ao papa, os padres inicianos se colocavam à disposição do Sumo Pontífice para realizar qualquer tarefa. Além disso, a comunicação entre os membros da Ordem também era algo notório; Fernando Torres-Londoño afirma que:

Em cartas ou relatórios o jesuíta se comunicava com seus superiores distantes informando, consultando, opinando, discordando, assinalando sua disposição a obedecer. Era também por cartas que o governo geral, os provinciais, os reitores de colégios transmitiam suas decisões, envios e destinos aos súditos que se encontravam longe (2002, p. 21).

Assim, atuando em três frentes, os jesuítas foram escolhidos para a árdua tarefa de catequizar o Novo Mundo, na América Portuguesa. Existia uma forte ligação entre o Estado Português e a Igreja Católica, por meio do regime do padroado.¹⁰ Dessa forma, os jesuítas eram também funcionários da própria Coroa.

Deve-se considerar que a obra empreendida na colonização do Novo Mundo não é senão um capítulo da história do comércio europeu, conforme afirma Caio Prado Júnior:

Realmente a colonização portuguesa na América não é um fato isolado, a aventura sem precedente e sem seguimento de uma determinada nação empreendedora; ou mesmo uma ordem de acontecimentos, paralela a outras semelhantes, mas independente delas. É apenas a parte de um todo, incompleto sem a visão deste todo [...]. (1977, p. 20).

Nesse sentido, a conquista da América e a colonização destas terras têm como marca fundamental, a expansão do comércio europeu no início dos Tempos Modernos. Tudo aquilo que foi realizado, isto é, a forma como os europeus abordaram suas colônias têm suas raízes nesse fato.

Porém, além das questões de ordem econômica, um outro elemento estava muito presente na sociedade portuguesa do século XVI: o elemento religioso. Os portugueses que se dirigiram ao Brasil tinham uma visão de mundo bastante marcada pela religião. Segundo José Maria de Paiva (1982) o princípio que norteou a colonização era a visão religiosa do *orbis christianus*.

O *orbis christianus* é uma imagem cristã medieval do mundo. Para ela, o mundo é de Deus, e o seu representante na terra é a Igreja Católica. Dessa forma, Deus que é verdadeiro, exigia que todos na terra lhe reconhecessem e lhe prestassem culto. Nesse sentido, o papa e os reis tinham

¹⁰ Padroado: regime que garantia ao rei de Portugal jurisdição sobre alguns aspectos da administração eclesiástica, entre os quais, ereção de dioceses. Sua origem é medieval e caracterizou a ocupação de terras na América, África e Ásia, onde os padres realizaram grande parte das tarefas de organização e manutenção dos aparelhos do Estado Português nas colônias. Veja-se VAINFAS (2000: verbete *padroado*).

como missão entender e sustentar a fé, fazendo reinar a graça de Deus; era missão divina daqueles que pelo próprio Deus haviam sido escolhidos como chefes, cumprir com a unidade da fé, trazendo todos os membros da sociedade a ela. Com isso, não apenas a Igreja, mas todos os setores do corpo social se deixavam impregnar pelas coisas da fé:

[...] *Destarte devia o rei governar, o comerciante tratar, o soldado conquistar, o navegante descobrir terras, o padre pregar ao rei, ao comerciante, ao soldado, ao navegante e abençoá-los, cada um continuando o seu ofício. Fosse qual fosse o ofício, todos eles se deixavam impregnar até a raiz pela fé, pela forma cristã de entender a realidade. Na base de tudo estava a crença firme de que o orbe era essencialmente cristão* (DE PAIVA, 1982, p. 23).

Uma das condições para se compreender a colonização do Brasil é o entendimento do significado do *orbis christianus* na sociedade portuguesa quinhentista. Toda a obra da colonização foi, como afirma José Maria de Paiva, regida por tal imagem do mundo:

Esta visão regeu toda a obra da colonização. É um erro atribuí-la a um ou a outro setor da sociedade portuguesa – aos jesuítas, por exemplo – como também é um erro afirmar que o estamento mercantil dominante a redescobriu e a manipulou segundo seus próprios interesses. Todos os fatos deste período e desta empresa devem ser vistos à luz da visão imperante do “orbis christianus”, respeitada a especificidade das tarefas [...]. (1982, p. 24).

Nesse contexto, os jesuítas vieram para o Brasil e aqui se tornaram a Ordem Religiosa de maior destaque. Tendo a sua ação regida – assim como todos os setores da sociedade portuguesa – pela visão de mundo do *orbis christianus*, sua participação na colonização foi tão grande, que se chega a afirmar que os padres inicianos construíram um império dentro do Império Português. Paulo de Assunção afirma que:

[...] *Os inicianos aprenderam na interação com o temporal muito mais do que praticar as obras de misericórdia espiritual: dar bom conselho; ensinar os ignorantes; corrigir os que erram; consolar os aflitos; perdoar as injúrias; sofrer com paciência as fraquezas do próximo; rogar a Deus pelos vivos e defuntos. Com trabalho e esforço constituíram um colégio auto-suficiente e com rendas invejáveis. Enquanto administradores e gestores de bens temporais, deram ensejo à construção de uma empresa com recursos consideráveis e cobijados por muitos.* (2004, p. 105).

Isso significa que houve uma grande adaptação às condições encontradas pelos padres nas terras recém-descobertas. Se as esmolas eram poucas, quase que insuficientes para a subsistência dos membros, eles foram obrigados a organizar a produção e aumentar o seu patrimônio divino. E isso se encontrava em acordo com a lógica da colonização, marcada pelos princípios mercantis:

A preocupação com o cultivo e a exploração das terras de forma a garantir a estrutura da Companhia colocou-a em consonância com a lógica da colonização comercial da época moderna [...] Assumir a colônia implicava compartilhar dos valores vigentes nos trópicos, práticas e comportamentos que até então não tinham sido incorporados pelos jesuítas. A expansão da fé e a conversão do gentio promoveram, por outro lado, a expansão das propriedades jesuíticas e a conversão dos religiosos em administradores, num mundo marcado pelo trabalho e pelo ganho como forma de servir a Deus (ASSUNÇÃO, 2004, p. 251).

Apesar de construírem um império próprio dentro do Império Português, não se pode falar na existência de um plano jesuítico e um plano português para o Brasil. Os dois se comple-

tam; conforme afirma Vamireh Chacón (2001, p. 30), *não eram caminhos paralelos e sim desafios mútuos também às outras reações dos índios e incursões dos franceses, de cujas respostas surgirá o primeiro esboço fundamental da cultura brasileira*. Embora não existissem *caminhos paralelos*, o conflito entre os interesses de jesuítas e colonos foi evidente por mais de uma vez.¹¹

Não obstante as críticas sofridas pelos jesuítas, por parte dos colonos, a Coroa sempre proveu a Companhia no Brasil daquilo que ela necessitava; várias foram as doações dos reis para a obra evangelizadora no Brasil. Na verdade, era interesse da Coroa que o projeto colonizador fosse colocado em prática e, para isso, os jesuítas eram fundamentais. Assim, gerava-se uma situação cômoda e desconfortável, ao mesmo tempo, para os padre inacianos.

Ao assumir um papel de relevo no Império Marítimo Português, atuando inclusive em decisões políticas, os jesuítas se tornaram alvo fácil para as críticas dos opositores. A principal crítica que se fazia a eles era o fato de que os padres teriam se aproximado de interesses muito mais temporais do que espirituais. Além disso, eram vistos como ricos e poderosos; numa época em que terra era sinônimo de poder e riqueza, os jesuítas receberam inúmeras doações e acabaram construindo seu império.

Nesse contexto, é possível afirmar que existia um interesse dos jesuítas em edificar suas próprias figuras mais destacadas, isto é, construir imagens, vidas-modelos que auxiliassem na auto-afirmação da Ordem junto à sociedade. Entre fins do século XVI e início do século XVII a Companhia procurava um santo para a Ordem. Para isso, foi necessário, num esforço coletivo, construir figuras heróicas.¹² Dessa maneira, as três biografias de José de Anchieta, redigidas por Caxa, Rodrigues e Simão de Vasconcelos se inserem nessa busca de auto-legitimação da Companhia de Jesus.

A edificação da figura heróica de José de Anchieta

As três obras aqui analisadas cumpriram uma função bastante importante: iniciaram o processo de construção de uma imagem heróica do padre José de Anchieta. Iniciaram também, o processo de beatificação do jesuíta. Além disso, influenciaram os estudos posteriores. A maior parte das biografias escritas sobre José de Anchieta faz referência aos três primeiros biógrafos.

Quirício Caxa foi o primeiro biógrafo do Padre José de Anchieta. Nasceu em Cuenca, Castela Nova, no ano de 1538, e ingressou na Companhia de Jesus aos 21 anos de idade em 1559. No ano de 1563 foi enviado ao Brasil e destinado ao ensino no Colégio de Jesus, onde trabalhou durante 36 anos, lecionando latim, teologia moral, teologia especulativa e também filosofia. Posteriormente, entre 1565 e 1566, foi o responsável por orientar os estudos compendários de Anchieta, que antecederam a sua ordenação sacerdotal. Após a morte de Anchieta, Caxa recebeu a ordem para escrever a sua biografia, de Pero Rodrigues, provincial dos jesuítas no Brasil na época.

Pero Rodrigues foi o segundo biógrafo de Anchieta. Nasceu em 1542, na cidade de Évora. Ingressou na Companhia de Jesus aos quatorze anos, em 1556. Depois dos estudos de Humanidades, Rodrigues foi professor dessa matéria durante cinco anos. Mais tarde, lecionou Teologia

¹¹ Apenas para exemplificar: a economia colonial brasileira foi fundamentada na grande propriedade monocultora trabalhada por escravos. Primeiramente, utilizou-se a mão-de-obra dos índios e posteriormente dos africanos. A Coroa passou a proibir a escravidão do gentio, a menos que esta fosse feita por meio da “guerra justa”. No entanto, os colonos acusavam os padres da Companhia de Jesus de monopolizarem em suas fazendas e reduções o controle ao trabalho escravocrata dos indígenas. Veja-se mais sobre o tema em Rodrigo Bentes MONTEIRO (2002).

¹² Como exemplos, podemos citar: São Francisco Xavier (1506-1552), que foi canonizado em 12 de março de 1622, pelo papa Gregório XV (DIDIER, 1996); também São Pedro Canísio (1521-1597), cuja canonização aconteceu em 2 de maio de 1925, pelo papa Pio XI (CARDOSO, 1998, p. 7-14); e por último, o fundador da Ordem, Santo Inácio de Loyola (1491-1556) que foi canonizado também em 12 de março de 1622 por Gregório XV (INÁCIO DE LOYOLA, 1997, p. 137).

Moral durante mais cinco anos. Foi reitor do Colégio do Funchal, na Ilha da Madeira, e também do Colégio de Bragança, em Portugal. Posteriormente, foi nomeado visitador dos missionários jesuítas em Angola, quando aportou de passagem na Bahia (entre 1592 e 1593). Quando sua missão entre os angolanos chegou ao fim, Rodrigues foi nomeado Provincial dos Jesuítas no Brasil, cargo que ocupou de 1594 a 1603. Foi também superior no Espírito Santo e morreu em Pernambuco, aos 86 anos de idade, em 27 de dezembro de 1628.

Simão de Vasconcelos, o terceiro biógrafo de Anchieta nasceu na cidade do Porto em 1596; ainda adolescente, veio para o Brasil e ingressou na Companhia de Jesus em 1615. Após os estudos, nos quais obteve o título de Mestre em Artes, sua profissão solene aconteceu em 3 de maio de 1636, na Bahia. Foi professor de Humanidades, Teologia Especulativa e Moral, além de mestre de noviços. Além disso, ocupou também outros cargos importantes, tais como: Secretário da Província, Procurador Geral, Vice-reitor do Colégio da Bahia e Reitor do Colégio do Rio de Janeiro. O cargo mais importante de todos, ocupou entre os anos de 1655 e 1658: nesse período, Simão de Vasconcelos foi o Provincial dos jesuítas no Brasil. Foi nessa época que promoveu as missões jesuíticas do sertão baiano e Rio das Contas. Mais tarde, o padre seria novamente o Reitor do Colégio do Rio de Janeiro, cargo que ocuparia até a sua morte, em 29 de setembro de 1671.

As três biografias compõem uma imagem heróica para José de Anchieta, dentro da perspectiva de auto-legitimação da Ordem. A *Breve relação da Vida e Morte do padre José de Anchieta*, de Caxa, é a mais curta das três biografias. Esta obra é marcada por uma linguagem eclesiástica, repleta de superlativos (*íssimo, íssima*). Por exemplo:

[...] *Para se livrar destes ardentíssimos perigos e propinquíssimas ocasiões, usava de muita oração e comunicação com Deus, Encomendava-se fortíssimamente a N. Senhora de que era e foi devotíssimo, em especial de sua puríssima Conceição. Usava da disciplina, que sempre teve em costume por presentíssimo remédio para toda a doença em especial para esta [...]* (CAXA, 1957, p. 54).

Os textos escritos por Simão de Vasconcelos e Pero Rodrigues apresentam uma característica diferente do texto de Quirício Caxa. Suas obras contêm mais detalhes da terra, isto é, do Brasil. Nesse sentido, constituem-se em fontes preciosas para o estudo da história daquele momento.

As três obras compõem uma imagem de herói enaltecendo qualidade de Anchieta que permitem vê-lo como um modelo de santo, de missionário e de educador. O padre é descrito como alguém acima da média dos homens e em seus escritos, os biógrafos procuram construir um grande personagem, que represente a união dos contrários em sua figura. Nesse sentido, exaltam a qualidade da humildade de Anchieta nos momentos de maior degradação; Anchieta é visto como grande porque é humilde em momentos difíceis. Por exemplo:

Por esta ocasião, embarcado o Irmão José para estas partes, entrando no mar, sentiu logo em sua disposição mais alento e melhoria, como natural de ilha. No navio aceitou a ocupação que dizia mais com o desejo de humildade, e teve a cargo a dispensa, cozinha e fogão, servindo aos Nossos com muita caridade (RODRIGUES, 1978, p. 28-29).

Uma outra virtude exaltada pelos biógrafos era a virtude da pobreza. Essa era uma questão importante para os membros da Ordem já que um dos quatro votos que os jesuítas deveriam realizar era o voto de pobreza. Nota-se que as biografias têm um caráter político pedagógico, uma vez que procuram ensinar uma conduta àqueles que pretendam se igualar ao “grande” José de Anchieta:

Com esta extremada pobreza continuou José por toda a sua vida, crescendo sempre até o supremo grau, que

os grandes santos procuram. Não só deixava as coisas do mundo, com efeito e afecto, desprezando o supérfluo, mas também o necessário, que é a perfeição maior neste género, a que chamam os santos paupertatem necessarium [...] pretendia em tudo imitar a pobreza de Cristo crucificado, que é o exemplo de sua carta. Foi finalmente um modelo cabal da pobreza a todos os que em seu tempo viveram, e o deve ser aos que hoje vivem (DE VASCONCELOS, 1953, p. 399).

José de Anchieta é apresentado como homem acima da média em função de suas profecias (uma característica dos homens santos) e também dos milagres. Os três biógrafos relatam vários desses acontecimentos, sempre com a mesma visão apaixonada. Veja-se um trecho de Simão de Vasconcelos:

Estava o colégio falto de peixe; dependia das redes, que tinham mandado lançar ao mar, porém estas tornaram se efeito algum, dizendo os lançadores o que lá os apóstolos, a Cristo: per totam noctem laborantes nihil cepimus. Viu-se a comunidade com aperto, deu-se aviso ao padre José que o refectório não tinha que comer, aquele dia. Não vos agasteis, disse, chamai-me cá o lançador de redes; e, ouvindo as escusas que dava, que não era maré, nem conjunção de pesca, o levou a uma janela e lhe mostrou certo lugar da Baía, que de lá aparece, dizendo: ide, lançai ali as redes e não botei ali mais que um lanço, enchei o barco de peixe e vinde logo, que tem necessidade a comunidade. Obedeceu o pescador e, sendo maré cheia e contra regra de pescaria, qual outro S. Pedro, in verbo tuo laxabo rete, sucedeu que foi tanto peixe de um só lanço, que se rompia a rede [...] (DE VASCONCELOS, 1953, p. 227).

Mais até do que os outros biógrafos, Simão de Vasconcelos exalta o dom de profecia e os milagres do padre Anchieta. O biógrafo narra 117 milagres que teriam envolvido Anchieta tanto em vida quanto após sua morte.

Um recurso utilizado pelos biógrafos para seduzir o leitor é a comparação que se faz de Anchieta com figuras bíblicas bastante conhecidas. Esta técnica deve ser entendida no contexto dos séculos XVI e XVII, quando a visão de mundo vigente ainda era a visão do *orbis christianus*. Nesse sentido, as figuras bíblicas povoavam o imaginário dos homens. Veja-se um exemplo:

[...] Lavrava aqui um homem raro, um santo único, um exemplar de varões ilustres, composto das perfeições de muitos. Um José na castidade, um Abraão na obediência, um Moisés nos segredos do céu, um Elias no zelo e um David na humildade. Um portento de maravilhas e um assombro do mundo [...] (DE VASCONCELOS, 1953, p. 89-90).

Não restam dúvidas a respeito do caráter pedagógico implícito nas biografias de José de Anchieta. Em certos momentos, tal caráter é mesmo explícito: Quirício Caxa, o primeiro biógrafo, assim afirma ao finalizar sua obra:

O que com o que está contado se pretende é, que, pois sabemos o caminho por onde foi e os meios de que usou para alcançar tanta virtude e perfeição, ponhamos os pés nas pegadas, que ele nos deixou sinaladas, e procuremos ser fiéis a Deus e verdadeiros filhos da Companhia, porque, sem dúvida, por aí iremos parar no lugar onde ele agora está, gozando daquele que tantas mercês lhe fez e com tantas bênçãos o proveu. Amém. (CAXA, 1957, p. 77).

Com estes poucos exemplos, percebe-se que as obras em questão deram um impulso à construção histórica da figura heróica do padre José de Anchieta. Enaltecendo valores como a pobreza, a humildade, a caridade e realizando comparações entre Anchieta e outras figuras já consideradas grandiosas, os biógrafos procuram construir uma imagem heróica de José de Anchieta;

entende-se tal esforço dentro da perspectiva da Companhia de Jesus entre fins do século XVI e inícios do século XVII de se auto-legitimar, buscando um lugar de destaque na sociedade e no interior da Igreja.

Considerações finais

Independentemente da época em que são produzidos, os discursos biográficos são responsáveis por transmitir em certa medida, uma visão de mundo, uma ideologia. Além disso, ainda podem ser vistos como importante recurso pedagógico, já que uma biografia pode, muitas vezes, ensinar aos leitores um caminho, uma conduta, por meio do exemplo de uma vida-modelo.

Ao analisar as três primeiras biografias em língua portuguesa escritas a respeito do padre José de Anchieta, percebe-se os aspectos político e pedagógico claramente. O discurso contido nas obras visa, primeiramente construir uma imagem grandiosa para um dos membros mais destacados da Companhia de Jesus; com isso, procura-se ensinar aos outros membros um caminho para a salvação, para a grandeza. Ao mesmo tempo, também se pretende defender os interesses da Ordem, que no final do século XVI e início do século XVII ainda buscava a canonização de pelo menos um de seus membros.

Uma última questão ainda pode ser elaborada: se, como se viu, o discurso alcançou, em parte, seus objetivos, já que ainda hoje se tem a idéia de Anchieta como um santo, missionário, educador, humilde, fundador da literatura brasileira, em uma palavra, um herói, como é que tal imagem aparece hoje na educação formal? Há uma relação direta entre essa construção e a produção de materiais didáticos?

Segundo o Núcleo Regional de Educação da cidade de Maringá – PR, um dos livros de História mais adotados na região, para a sexta série do ensino fundamental – que é a série que tem como conteúdos a História Moderna e o começo da colonização do Brasil – é o livro *Nova História Crítica*, de autoria de Mário Furley Schmidt. Esse material didático sequer traz uma menção ao nome José de Anchieta. O autor apresenta a Companhia de Jesus, mas não menciona aquele que foi, segundo a historiografia tradicional, um de seus principais expoentes na História do Brasil. Isto acaba por se constituir num aspecto muito instigante e que merece certa atenção: durante mais de quatro séculos se elaborou e se propagou imagens romantizadas e heroicizadas a respeito de figuras históricas, que atualmente, não são nem ao menos mencionadas por livros destinados à educação básica. Qual o significado disto? Quais as implicações sociais do discurso heroicizante na atualidade? São perguntas que ainda necessitam de respostas.

Referências

AMADO, J. *O cavaleiro da esperança*. 25ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

ARNAUT DE TOLEDO, C. A. Razão de estudos e razão política: um estudo sobre a *Ratio Studiorum*. *Acta Scientiarum*. Maringá, vol. 22, n. 1, 2000, p. 181-187.

ASSUNÇÃO, P. *Negócios jesuítos: o cotidiano da Administração dos Bens Divinos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Vol. I. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

CARDOSO, A. (S. J.) Introdução. In: PEDRO CANÍSIO (São) *Confissões*. São Paulo: Loyola, 1998.

CAXA, Q. *Breve relação da vida e morte do Pe. José de Anchieta*. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1957.

COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

DE VASCONCELOS, S. (S. J.). *Vida do Venerável Padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

DIDIER, H. Francisco Xavier pioneiro da inculturação. São Paulo: Paulinas, 1996.

FEIJÓ, M. C. *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Col. Primeiros Passos)

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios)

GARCÍA-VILLOSLADA, R. *Santo Inácio de Loyola: uma nova biografia*. São Paulo: Loyola, 1991.

INÁCIO DE LOYOLA (Santo). *Autobiografia de Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1997.

KOTHE, F. R. *O Herói*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios)

MONTEIRO, R. B. *O Rei no espelho: a monarquia portuguesa e a colonização da América (1640-1720)*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

NUNES, C. A. *Prefácio*. In: SHAKESPEARE, W. *Antônio e Cleópatra; Júlio César*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 5-7, 127-129.

O'MALLEY, J. W. *Os primeiros jesuítas*. Trad. Domingos Armando Donida. São Leopoldo: Editora Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004.

PRADO JÚNIOR, C. *Formação econômica do Brasil Contemporâneo*: Colônia. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RODRIGUES, P. (S. J.) *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus*. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 1978.

RUCKSTADTER, V. C. M. *José de Anchieta: Teatro e Educação no Brasil-Colônia*. 67 f. Monografia (Especialização em Pesquisa Educacional, Turma II) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2005.

SCHMIDT, B. B. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, C. A. Barcellos *et alii*. *Questões de teoria e metodologia da História*, Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2000.

SCHMIDT, M. F. *Nova História Crítica*. 4 vol. São Paulo: Nova Geração, 1999.

TORRES-LONDOÑO, F. Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002.